



A Santa Sé

**MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI
AO CARDEAL GIACOMO BIFFI
ENVIADO ESPECIAL ÀS CELEBRAÇÕES,
EM AOSTA (ITÁLIA), DO IX CENTENÁRIO
DA MORTE DE SANTO ANSELMO**

*Ao Senhor Cardeal Giacomo Biffi
Enviado Especial às celebrações
do IX centenário da morte de Santo Anselmo*

Em vista das celebrações nas quais Vossa Eminência, venerado Irmão, participará como meu Legado na ilustre cidade de Aosta para o IX centenário da morte de Santo Anselmo, que se verificou em Canterbury a 21 de Abril de 1109, é-me grato confiar-lhe uma mensagem especial com a qual desejo recordar as características salientes deste grande monge, teólogo e pastor de almas, cuja obra deixou profundos vestígios na história da Igreja. A celebração constitui de facto uma oportunidade a não perder para renovar a memória de uma das figuras mais luminosas na tradição da Igreja e na própria história do pensamento ocidental europeu. A exemplar experiência monástica de Anselmo, o seu método original ao reconsiderar o mistério cristão, a sua subtil doutrina teológica e filosófica, o seu ensinamento acerca do valor inviolável da consciência e da liberdade como adesão responsável à verdade e ao bem, a sua obra apaixonada de pastor de almas, dedicado com todas as forças à promoção da "liberdade da Igreja", nunca deixaram de suscitar no passado o mais vivo interesse, que a recordação da morte está felizmente a reacender e a favorecer de diversos modos e em vários lugares.

Nesta memória do "Doutor magnífico" como é chamado Santo Anselmo a Igreja de Aosta, na qual ele nasceu, não pode deixar de se distinguir de modo particular, e justamente se apraz ao considerá-lo o seu filho mais ilustre. Quando deixou Aosta no período da sua juventude, ele continuou a levar na lembrança e no coração um feixe de recordações que sempre afloraram à sua consciência nos momentos mais importantes da sua vida. Entre estas recordações, certamente tinham um lugar especial a imagem dulcíssima da mãe e aquela majestosa dos montes do seu Vale com os cimos altíssimos e perenemente cobertos de neve, nos quais ele via,

como um símbolo fascinante e sugestivo, representada a sublimidade de Deus. Para Anselmo "um menino crescido entre os montes", como é definido pelo seu biógrafo Eadmero (*Vita Sancti Anselmi*, 1, 2) Deus aparece como algo que não é possível pensar noutra maior: talvez a esta sua intuição não era indiferente o olhar dirigido desde a infância para aqueles cumes inacessíveis. Com efeito, desde criança pensava que para encontrar Deus fosse preciso "subir até ao cume da montanha" (*ibid.*). De facto, cada vez mais ele dar-se-á conta de que Deus se encontra numa altura inacessível, situada muito além das metas às quais o homem pode chegar, dado que Deus está além do pensável. Por isso a viagem em busca de Deus, pelo menos sobre a terra, nunca se conclui, mas será sempre pensamento e anseio, rigoroso procedimento do intelecto e implorante solicitação do coração.

O intenso desejo de sabedoria e a inata propensão para a clareza e o rigor lógico impeliram Anselmo para as *scholae* do seu tempo. Assim, ele chegou ao mosteiro de Le Bec, onde foi satisfeita a sua inclinação para a dialéctica e, sobretudo, acendeu-se a sua vocação claustral. Deter-se nos anos da vida monástica de Anselmo significa encontrar um religioso fiel, "constantemente ocupado só com Deus e com as disciplinas celestes" como escreve o seu biógrafo dado que alcançou "um tal vértice de especulação divina, era capaz, pelo caminho aberto por Deus, de penetrar e, uma vez que estava dentro, de explicar as questões mais obscuras, precedentemente não resolvidas, relativas à divindade de Deus e da nossa fé, e de provar com razões claras que quanto afirmava pertencia à segura doutrina católica" (*Vita Sancti Anselmi*, 1, 7). Com estas palavras o seu biógrafo delinea o método teológico de Santo Anselmo, cujo pensamento se acendia e se iluminava na oração. Ele mesmo confessou, numa famosa obra, que a inteligência da fé é um aproximar-se à visão, aquela a que todos ansiamos e a qual esperamos gozar até ao fim da nossa peregrinação terrena: "*Quoniam inter fidem et speciem intellectum quem in hac vita capimus esse medium intelligo: quanto aliquis ad illum proficit, tanto eum propinquare speciei, ad quam omnes anhelamus, existimo*" (*Cur Deus homo, Commendatio*). O Santo desejava alcançar a visão dos nexos lógicos intrínsecos ao mistério, compreender a "clareza da verdade" e, por conseguinte, colher a evidência das "razões necessárias", intimamente subentendidas ao mistério. Uma intenção certamente audaz, sobre cujos êxitos ainda hoje debatem os estudiosos de Anselmo. Na realidade, a sua busca do "intelecto (*intellectus*)" colocado entre a "fé (*fides*)" e a "visão (*spectes*)", provém, como fonte, da mesma fé e é apoiada pela confiança na razão, mediante a qual a fé de certo modo se ilumina. A intenção de Anselmo é clara: "elevar a mente à contemplação de Deus" (*Proslogion, Proemium*). De qualquer maneira, para todas as pesquisas teológicas as suas palavras permanecem pragmáticas: "Não tento, Senhor, penetrar na sua profundidade, porque não posso nem de longe confrontá-la com o meu intelecto; mas desejo entender, pelo menos até a um certo ponto, a sua verdade, que o meu coração acredita e ama. De facto, não procuro entender para crer, mas creio para entender (*Non quaero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam*)" (*Proslogion*, 1).

Depois em Anselmo, prior e abade de Le Bec, relevamos algumas características que definem o seu perfil. Antes de tudo, causa admiração o seu carisma de perito mestre de vida espiritual, que

conhece e ilustra sabiamente as vias da perfeição monástica. Ao mesmo tempo, fascina a sua genialidade educativa, que se exprime no método do discernimento ele qualifica-o *via discretionis* (Ep. 61) que é o estilo de toda a sua vida, no qual se compõem a misericórdia e a firmeza. Enfim, é peculiar a capacidade que ele demonstra ao iniciar os discípulos na experiência da oração autêntica: em especial, as suas *Orationes sive Meditationes*, avidamente solicitadas e muito utilizadas, contribuíram para transformar tantas pessoas da sua época em "almas orantes", assim como outras suas obras se revelaram um precioso coeficiente para fazer da Idade Média um período "pensante" e, podemos acrescentar, "consciencioso". Poder-se-ia dizer que o Anselmo mais autêntico se encontra em Le Bec, onde permaneceu trinta e três anos e foi muito amado. Graças à maturação adquirida naquele ambiente de reflexão e oração, no meio das sucessivas atribuições episcopais, ele pôde declarar: "Não conservarei no coração algum rancor por alguém" (Ep. 321).

A nostalgia do mosteiro acompanhou-o pelo resto da sua vida. Confessou-o quando foi obrigado, com grande dor sua e dos outros monges, a deixar o mosteiro para assumir o ministério episcopal para o qual não se sentia adequado: "Muitas pessoas conhecem — escreveu ao Papa Urbano II — a violência que me foi feita, e quanto fui rebelde e contrário, quando fui retido como bispo na Inglaterra e expus as razões de natureza, idade, fraqueza e ignorância, que se opunham a este cargo e que, absolutamente, recusam e detestam os empenhos seculares, que não posso de algum modo desempenhar sem colocar em perigo a salvação da minha alma" (Ep. 206). Depois, confidenciou-se com os seus monges nestes termos: "Vivi por trinta e três anos como monge — três anos sem encargos, quinze como prior e os outros como abade — de tal modo que todas as pessoas boas que me conheceram me estimaram, certamente não por mérito meu mas pela graça de Deus, e mais me estimavam quantos me conheciam mais intimamente e com maior familiaridade" (Ep. 156). Acrescentando: "Viestes numerosos de Le Bec... Muitos de vós eu circundei com um affecto tão terno e suave que cada um podia ter a impressão que eu não amasse outro em igual medida" (*ibid.*).

Quando foi nomeado Bispo de Canterbury, iniciando assim o seu caminho mais atribulado, apareceram em toda a sua luz o seu "amor da verdade" (Ep. 327), a sua rectidão, a sua rigorosa fidelidade à consciência, a sua "liberdade episcopal" (Ep. 206), a sua "honestidade episcopal" (Ep. 314), a sua incansável obra pela libertação da Igreja dos condicionamentos temporais e da escravidão de cálculos incompatíveis com a sua natureza espiritual. Permanecem exemplares, a este propósito, as suas palavras ao Rei Henrique: "Respondo que nem no baptismo nem noutra minha ordenação prometi observar a lei ou o costume do vosso pai ou do arcebispo Lanfranco, mas a lei de Deus e de todas as ordens recebidas" (Ep. 319). Para Anselmo, primaz da Igreja da Inglaterra, vale o princípio: "Sou cristão, sou monge, sou bispo: quero, portanto, a todos ser fiel, de acordo com a dívida que tenho com cada um" (Ep. 314). Nesta óptica, ele não hesitou em afirmar: "Prefiro estar em desacordo com os homens que, de acordo com eles, estar em desacordo com Deus" (Ep. 314). Precisamente por isto, ele sentia-se disposto inclusive ao sacrifício supremo: "Não tenho medo de efundir o meu sangue; não temo alguma ferida no meio

corpo nem a perda dos bens" (*Ep.* 311).

Por todas estas razões, compreende-se por que Anselmo conserva até hoje uma grande actualidade e um forte fascínio, e quanto pode ser profícuo revisitar e republicar os seus escritos, e juntos remeditar sobre a sua vida. Portanto, foi com alegria que tomei conhecimento que Aosta, na festividade do IX centenário da morte do Santo, está a distinguir-se por um conjunto de oportunas e inteligentes iniciativas — especialmente com a cuidada edição das suas obras — com a intenção de fazer conhecer e amar os ensinamentos e os exemplos deste seu ilustre filho. Confio a Vossa Eminência, venerado Irmão, a tarefa de exortar os fiéis da antiga e querida Cidade de Aosta, a olhar com admiração e afecto para este seu grande concidadão, cuja luz continua a brilhar em toda a Igreja, sobretudo onde são cultivados o amor pela verdade da fé e o gosto pelo seu aprofundamento mediante a razão. E, com efeito, a fé e a razão — *fides et ratio* — em Anselmo estavam admiravelmente unidas. Com estes sentimentos, concedo de coração por seu intermédio, venerado Irmão, ao Bispo D. Giuseppe Anfossi, ao Clero, aos religiosos e aos fiéis de Aosta e a quantos participarem nas celebrações em honra do "Doutor magnífico" uma especial Bênção Apostólica, propiciadora de abundantes efusões de favores celestiais.

Vaticano, 15 de Abril de 2009.

BENEDICTUS PP. XVI

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana